

A EFICÁCIA DA ARTE NÃO-TUTELADA

Donald Schüler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Declínio? Em relação a quê? Não se diz declínio sem uma ponta de nostalgia. Além dos horizontes que circunscrevem o presente, sonha-se com um mundo melhor. O declínio retoca o passado com traços de beleza aos olhos de atores carentes, abandonados, tomados de saudade. A penúria presente robustece épocas que, redimidas das contingências correntes, luzem plenas. São platonizantes os decadentistas. Socorrem-se da memória, propensa a reabilitar o distante, para buscar em outro lugar o que o agora, necessariamente inconcluso, nega. O mesmo denodo que dignifica o que já foi projetado embelezado para o que há de vir. Assim se erigem metas que dêem sentido aos que concorrem, embora na época em que valores ruem faltem colunas que sustentem edifícios a serem reconstruídos.

Falar em declínio soa a Spengler. É dele a *Decadência do Ocidente*, obra que tanto alarde provocou entre castigados pelas agruras da primeira Grande Guerra. Bastou idealizar a arte greco-romana, como desde a renascença habitualmente se fez, para ver nos movimentos de vanguarda o último estágio da dissolução de formas clássicas. O raciocínio se alicerçava no crescimento e no desgaste seguido de morte, observáveis em organismos vivos. Vista assim, a decadência adquiria força de lei.

O grande conflito que sacudiu as primeiras décadas da presente centúria marca efetivamente o fim de uma época, como se supôs? Essa é a dúvida. O olhar retrospectivo assinala tendências que não são interrompidas pelo choque das nações. O sentimento nacional desencadeado pelos exércitos de Napoleão se aprofunda, chegando a radicalizações absurdas ao se afirmar a superioridade de uma nação, de uma raça sobre as demais. A indústria parecia contentar-se em aperfeiçoar inventos precedentes: a viação férrea, a navegação aérea e naval, o transporte rodoviário, a telefonia, a radiodifusão. Nada impede que se considere continuação da primeira à segunda Guerra Mundial, prolongada pela oposição Oriente/Ocidente. A estética de vanguarda, tida no Leste europeu como decadentista, só venceu as últimas resistências com a queda do muro de Berlim.

Buscamos no século XVIII as origens da unidade que se fecha agora. Esquecidos rigores de calendário, acompanhamos entre a revolução francesa e transformações presentes as palpitações de um *aion* (unidade que se abre e se fecha) um *seculum*, o ciclo chamado modernidade, época alvorecida na Idade Média: o pensamento de Ockam, a pintura de Bosch, a prosa de Boccaccio, a poesia de Dante. A inquietação desses iniciadores, vencidas

reações racionalizantes, continua na épica maneirista de Camões, nas desproporções de Miguel Ângelo, na deliberada desordem da prosa de Friedrich von Schlegel. Se queremos ver nas vanguardas do século XX o apogeu da modernidade, convertemos em progresso o que se apontou como sinal de decadência. Muda-se a ótica, alteram-se os conceitos.

Em vez de insistir em declínio, conceito atrelado a noções essencialistas, não seria profícuo pensar em simulacros, eventos distanciados da relação modelo/cópia, essência/aparência? Os simulacros entram no jogo dos significantes, originário de significações.

Acompanhamos o jogo dos simulacros no *Catatau* de Leminski desde a função do narrador, René Descartes, ficcionalmente trazido por Nassau ao Nordeste brasileiro. O texto revela cedo que Descartes, o pensador do *cogito*, é um de muitos eus. Eu é também o olho que vê Descartes, e o contesta. Acima de todos os eus e de todos os eventos está o sujeito universal que abarca tudo e todos: "Estou com Parmênides, fluo com Heráclito, transcendendo com Platão, gozo como Epicuro, privo-me estoicamente, duvido com Pirro e creio em Tertuliano, porque é mais absurdo. Lanterna à mão, bati à porta dos volumes mendigando-lhes o senso" (p.28).

O narrador obedece à seqüência cronológica com uma só exceção, Tertuliano, teólogo cristão, posterior a Diógenes, o homem da lanterna, embora a cronologia não seja importante. O eu-narrador aglutina o inconciliável. Como harmonizar a metafísica platônica com o estoicismo que se prende ao presente, o mundo dos eventos? Como admitir simultaneamente um teólogo que crê em Deus precisamente por ser absurda a fé e o conjunto da filosofia grega alicerçada na razão? Mas não se trata de conciliar. Trata-se de redimir opostos. Na história do pensamento os eventos antecedem o trabalho da conciliação. Preterida a evolução, emerge uma unidade que abarca o que acontece. No tecido verbal de Leminski catecismo e ceticismo, idolatria e iconoclastia, ecletismo e fanatismo convivem.

Catatau desconecta deliberadamente sintagmas. De uma frase a outra, salta sobre abismos. Palavras e frases surpreendem como tamanduás e plantas carnívoras. Os anexins são sistematicamente desarticulados porque, concentrando sabedoria milenar, fornecem fundamento aos que, cansados de pensar, se apoiam neles no desafio das decisões. *Catatau* solapa fundamentos sem oferecer outros. Escancara abismos. A leitura avança de queda em queda. Rompidos os nexos, emerge a paisagem caótica da esquizofrenia. A América selvagem simboliza a esfera rebelde a esforços de ordenação.

Nem assim o texto se dissolve no incontrolável. Contesta-se o exclusivismo do cosmo cartesiano que funcionava como um relógio e que se enquadrava nas rigorosas categorias do espírito. Bastavam alguns princípios abstratos para ordenar o caos.

Catatau lembra o mundo que se origina de uma explosão e se expande em galáxias cujos núcleos se propagam em círculos concêntricos, inumerá-

veis. Troca de letras, confusão de palavras não são mais que um bater de asas que, agitando-se o vento, poderá gerar tempestades. Em *Catatau* torvelinhos arrastam palavras e frases. Quer-se acompanhar o movimento sem atá-lo a estruturas mentais. Some o temor ao caos. Ao lado da razão, a adesão ao desorganizado. A mundo natural teve sempre comportamento caótico, resistente aos rigores do cálculo, embora não se comporte aleatoriamente. Semelhanças se repetem em áreas distantes. Sob a desordem, a ordem. Há balizas. Recapitulemos algumas: eu, anexim, pensar, Pérsia, flecha, Zenão, Occam, Descartes, latim, canto, Ulisses, Roma... O texto se aglutina em torno de núcleos, expande-se em constelações, em galáxias. Se partimos do núcleo comer, teremos: a terra come os olhos, o urubu come os olhos, o tupinambá come os pensadores, plantas comem carne, o bicho come os livros, a preguiça não come... Se elegermos o núcleo flecha, enveredamos para: Sebastião flechado pelas dúvidas, a flecha de Zenão, as flechas persas, flecha se atira em movimento, a flecha da memória, a flecha no calcanhar de Aquiles, o certame dos flecheiros... Queda nos leva à queda da torre de Babel, à queda de Tróia, à queda de Olinda, à queda da pedra, à queda da alma. O bicho preguiça ecoa no descanso do Criador, na inércia e na recuperação da energia. A imagem de Narciso se vê refletida em fontes, em espelhos, em máscaras, nos ecos e nas rimas disseminadas pelo texto. E cada uma dessas linhas se entrecruza para gerar novos roteiros.

É o movimento dos fractais, reproduzidos em muitos lugares e escalas. O caos é concebível? O caos, freqüentado por matemáticos e físicos, deixou de ser região temida a ameaçar a ordem. O saber flutuante alijou a rigidez geométrica. A reação de Descartes ante plantas e animais exóticos lembra o habitante da estrela Sírio ao chegar à Terra no *Micromégas* de Voltaire: os regatos não correm em linha reta, os charcos não são redondos nem quadrados nem ovais. Leminski substitui a linearidade por sistemas complexos em que pequenas alterações podem provocar alterações profundas. As reiterações não são constantes nem periódicas. Previsível é o ponto, instável é o rumo das idéias. A sucessão imprevisível de unidades autônomas reflete um universo que não obedece a leis rigorosas.

Os concretistas discutiam nos anos cinquenta a prevalência do poema curto sobre o poema longo. Diziam que os textos longos se fragmentam em pequenas unidades. Leminski classifica o *Catatau* como "um romance-ídéia". É pouco. *Catatau* é um texto transgressivo. Escancara na prática a fragmentação textual. As pequenas unidades acolhem muitos gêneros: o aforismo, o poema lírico, o anexim, a parábola, o ensaio, a epopéia, a tragédia... *Catatau* une os contrários, o diminuto e o extenso, a imobilidade e o movimento, a articulação e o fragmento, e economia e o pleonasma. As pequenas unidades justapostas, não-sujeitas à sucessão temporal, confirmam o raciocínio de que a trajetória da flecha é feita de uma seqüência de momentos estáticos. Aquiles não atingirá a tartaruga porque a totalidade resumida em cada um dos momentos não acena como meta. Sucessão tem-

poral e deslocamento abolidos, torna-se plausível inverter a relação causa e efeito e convocar a coexistência de oposições excludentes: o passado e o futuro, o agora e a véspera, o mais e o menos, o ativo e o passivo. Sentido não há porque não há para onde ir, não há o que explicar: "Penso muita coisa junto, penso tudo de uma vez, se não tomar medidas" (p.198).

No universo louco, perecem os nexos exigidos pela lógica aristotélica. Como a narrativa já não pode ser distribuída em princípio-meio-fim, livro não há. Há uma avalanche de frases que vêm e se consomem caoticamente. Os momentos de lucidez que pontilham o texto entram na sarabanda da loucura. No instantâneo em que a eternidade se concentra reside a paz.

A vontade de realizar o enlace de pensamento e realidade impera desde Parmênides. Celebradas as núpcias, os nomes científicos não fariam mais do que desvendar as mensagens inscritas nas coisas. Leminski as liberta dessa subordinação. Como garantir a união se a linguagem dos sábios se distribui em muitas línguas? A desinteligência frustra os sonhos imperialistas dos construtores da torre de Babel.

Dizer esteve milenarmente ligado à iluminação, ao desvendamento da verdade. Recusado o pensamento e a palavra como instrumentos de investigação, a verdade sorri na festa que acontece em dança e canto. Não havendo reservas ocultas a revelar, restam os alegres movimentos da superfície. As máscaras encontram na festa o lugar que lhes convêm. Como na festa ninguém indaga o que está além, elas esplendem no que são, superfícies alegres, móveis, múltiplas. Visibilidade igual pleiteia a substância verbal; sons se entrelaçam e desfilam ao som do canto: "Sabe o que pensei? Sei. Vai tentar o que não consigo? Sigo. Garanto e não nego? Eco".

Transformar a expressão popular "cafundós do Judas" em "xafundas do Judó" tem sentido só lúdico. Dizem-se expressões com o sabor mágico que lhes conferem as crianças. Elididos nexos lógicos, o ritmo se encarrega das concatenações. Até a guerra, rejeitada como processo de submissão e de competição, é evocada como festa na palavra *festaguerra*. Verdade é visão, aparência, movimento, som. Sala de festa, *Catatau* promove o congratamento universal de todos os entes, de todas as oposições sem recusar a negação, de todos os sonhos sem recusar os metafísicos. No universo concebido como festa, até os pensamentos são admitidos na confraternização. "Depois da festa, os pensamentos cantam" (p.73). Des-hierarquizadas as idéias, entre pensar e cheirar não há diferença, em ambos os atos o mundo acontece. "Galo briga por farra, não por fama." Está aí a renovação da epopeia: a ação pela ação, a ação sem objetivo, desvinculada do desejo de medir forças, de superar o adversário, de conquistar a imortalidade. A ação que nasce se extingue como todos os acontecimentos. Não há nenhuma razão para excluir da festa a morte. Sendo expressão da natureza, ela não tem nada de apavorante. Foram os homens que a pintaram de cores téticas. "Morrer seria uma festa mas eles apagaram a luz" (p.74).

O *Catatau* inscreve-se num modo contemporâneo de ver as coisas que lembra preocupações estoicas, hostis ao essencialismo platônico, fundado em modelos fixos de que as aparições sensíveis não são mais que cópias inconsistentes como as sombras. Zenão, o fundador do estoicismo, sustentava que a natureza não distingue plantas de animais, que o fim supremo do homem é viver de acordo com a natureza e não de acordo com princípios escondidos em elevados lugares celestes. Perguntado, por ocasião de um banquete, por que se mantinha silencioso, ele anunciou a presença de alguém que sabia calar. O silêncio do filósofo explica-lhe o pendor pela expressão concisa. Sustentando a materialidade das palavras, afirmava Crisipo que um carro passa pela boca dos que pronunciam essa palavra. Cultor de paradoxos, costumava raciocinar assim: revelar mistérios a não-iniciados é cometer impiedade. O hierofante o faz, logo comete impiedade. O exemplo, ao afirmar a coexistência da impiedade e da piedade, constata a coexistência de eventos complexos.

Recordemos o mito da caverna. Escravos encerrados numa caverna não conheciam outra realidade além das sombras que se moviam projetadas sobre a rocha. Um deles se liberta. Descobre o sol e os corpos que originam as sombras. Iluminado, retorna aos companheiros para lhes anunciar a verdade. Os prisioneiros irritados com a insolência daquele que pretendia instruí-lo, agarram-no e o matam.

Fiel a Platão, o Ocidente recriminou por séculos a obstinação dos habitantes da caverna. Vivemos numa época em que solidários com os escravos abonam o assassinato. A luz é intransigente. As trevas toleram tudo, até mesmo a luz.

Retomemos o caminho, refletindo em três momentos da arte: a arte do livro, a arte do gênio e a arte do simulacro.

A arte do livro nos remete aos gregos, teorizadores do livro, se consideramos livro o que tem princípio, meio e fim, atributos que Aristóteles exige da obra literária. A arte do livro compreende a Idade Média, orientada pelo grande Livro, o Livro Sagrado, cujos limites são a criação e a extinção do mundo, Livro que sustenta todos os livros, Livro que degrada os demais a comentário.

Na época em que o fundamento do universo se despersonaliza em abstratas leis universais, surge o gênio como sucessor do Criador pessoal. A gênios, investidos de qualidades sobrenaturais, atribui-se agora a criação de livros. Tomados de respeito sagrado, leitores e críticos tratam o livro como objeto de devoção, a que não se está autorizado acrescentar nada. Alterar uma só vírgula já seria incorrer em sacrilégio. Autores geniais, heróis fundadores, fixam a mentalidade de povos, fundam nações. A literatura sustenta projetos políticos. Governantes se valem do poder da palavra e o temem. A intransigência da censura homenageia o poder da produção literária.

A cena que os gênios deixaram vazia demanda reflexão. A espantosa proliferação da produção literária e a universalização dos hábitos de leitura solaparam os mecanismos de controle. A perda da autoridade sobre a arte e a eficácia da arte se distinguem. Por que a arte não-tutelada seria ineficaz? Em lugar da obra eficaz, porque prestigiada pela genialidade do autor, textos se tocam, se fecundam, proliferam. Emerge a produção dessacralizada, fim do eu substancial, cartesiano. Entramos na orquestra de textos e de línguas. Por que ver esta época com melancolia, se ela desencadeia possibilidades novas? A melancolia floresceu na época em que se media este mundo com padrões eternos. Aspirar à posição de protagonista exprime luto pela morte do gênio. Ora, o crepúsculo do gênio favorece a generalização do ato criador. Babel não é maldição, é possibilidade nova. A biblioteca borgiana é nossa experiência de cada dia. Nascemos nela, nela vivemos, dela não há como escapar.

Em oposição à concepção do modelo e da cópia, do ideal e da queda é oportuno pensar no devir ilimitado, a sucessão de significantes ou de simulacros. Na época dos simulacros, as coisas são como aparecem. A efemeridade favorece o movimento, a renovação contínua. Para a arte do simulacro não há lugar privilegiado, ela acontece em todos os lugares. A arte derruba as paredes que a confinavam. O teatro sai do palco e toma a rua. O cinema abandona as salas de exibição e entra nos lares. O livro vence a capa e se enreda na rede mundial de computadores. O processo de remissões inumeráveis inventado no *Ulisses* de Joyce generalizou-se. O que na década de vinte foi invenção revolucionária tornou-se lugar comum. A estetização não se detém nas fronteiras da técnica.

De cultura somos obrigados a falar no plural. Global é uma das formas de cultura que se nivela às precedentes, a geométrica, a estrutural, a lingüística, a semiótica, a historicista... As épocas comportam-se como epistemes. A nossa é a da transgressão de limites nas ciências, nas artes, na filosofia, nas relações sociais. Tudo se move. O fluxo de significantes requer decisões responsáveis, acelera sucessão sem limites. Tirada a moldura, arrancada a capa, entramos na produção generalizada. Ato livre não tem modelo e se propaga além do previsível. Função da crítica é diagnosticar, estabelecer diferenças, averiguar operacionalidade.